



Revista

São Judas

ANO XI - Nº 143 - MAIO / 2024



*São Judas Tadeu, escolhido por
Cristo como apóstolo da partilha*



Foto do mês:

PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI SEMPRE É MOMENTO DE DEMONSTRAÇÃO DE AMOR E FÉ EM JESUS EUCARÍSTICO!

REVISTA SÃO JUDAS APENAS ON-LINE

A Revista São Judas de maio/2024 (edição número 143) circulará apenas pelo site e redes sociais da Paróquia/Santuário São Judas Tadeu.

EXPEDIENTE

Reitor: Pe. Daniel Aparecido de Campos,scj

Vice-Reitor: Pe. Cleiton Guimarães dos Santos,scj

Diretor: Pe. Said Mamud,scj

Editora-Jornalista: Priscila Thomé Nuzzi – MTb nº 29753 L. 131 F.26

Conselho Editorial: Pe. Said Mamud,scj; Renata Souza; Marcos Cuba

Capa: Daniel Ramos

Revisão: Pe. Aloísio Knob,scj

Design e Diagramação: Daniel Ramos (danramosdesign@gmail.com)

Fotos: Arquivo Santuário SJT

Atendimento

Av. Jabaquara, 2682 – São Paulo-SP
04046-500 – Tel.: (11) 3504-5700

SUMÁRIO

04 SÃO JUDAS E VOCÊ

Dia das Mães

05 SÃO JUDAS ENTREVISTA

Annete de Santis Garcia Martos

08 PENSE NISSO

Homens e mulheres do coração, mas sem coração

10 A VIDA DOS SANTOS EM NOSSA VIDA

Santa Rita de Cássia

12 CURIOSIDADES DA FÉ

As núpcias do cordeiro e o mês de maio

14 SAÚDE: DOM DE DEUS

10 dúvidas frequentes sobre o exame de mamografia

16 SANTUÁRIO EM FOCO

Pintura da igreja nova

17 FAMÍLIA DOS DEVOTOS

Peregrinos de bicicleta

18 FOCO NA MORAL E NO DIREITO

O pecado da preguiça

21 RECOMENDAMOS

Bíblia de São Judas Tadeu

22 DESTAQUE DO MÊS

São Judas Tadeu, escolhido por Cristo como apóstolo da partilha

24 SÃO JUDINHAS AOS PEQUENOS DEVOTOS

Maio é o mês de Maria

25 SÃO JUDAS TADEU, APÓSTOLO E MÁRTIR

Maria Cleofas, mãe de Judas Tadeu.

26 NO CORAÇÃO DE JESUS

Uma devoção que é herança da mãe

28 MÃE E MESTRA, NOSSA IGREJA

A partilha, sinal de amor e fraternidade



MATERNIDADE: EXPRESSION DE PARTILHA

Partilhar é um grande gesto de desapego e de expressão da liberdade que todo ser humano pode conquistar com o passar do tempo. Somos impulsionados para a partilha, pois almejamos a cada dia compartilhar momentos e fatos que, de uma forma ou de outra, vão marcar o tempo vivido.

Inegavelmente a partilha que Jesus experimentou ao conviver com o grupo dos apóstolos, favoreceu a compreensão dos limites inerentes ao processo de se tornar humano, durante o tempo de vida. O gesto de partilhar remete à atitude de desapegar-se das seguranças advindas do que se tem para abrir espaço para a possibilidade do que se pode receber. São Judas Tadeu era pertencente ao grupo dos que, com Jesus, formavam uma comunidade especial de troca e partilha de vida. Partindo desta compreensão, a troca entre o mestre e os discípulos foi constante e portadora de uma qualidade que garantiu as condições para que o mistério da redenção pudesse ser concretizado.

O sim dado por todos os agentes da missão redentora da humanidade, proporcionou uma partilha constante entre o divino e o humano em Jesus Cristo. A missão que surge depois da vinda do Espírito Santo, estimula o grupo dos Apóstolos e com eles Judas Tadeu, a partilhar suas experiências com a comunidade cristã.

No mês de maio, somos convidados a reconhecer o grande gesto de partilha que é expresso por nossas mães, mulheres que souberam partilhar suas vidas para que o projeto de Deus tenha continuidade. A maternidade é uma expressão de partilha, pois cada mulher ao assumir a missão de ser mãe deve abrir mão e compartilhar suas vidas com seus filhos.

Maria de Cleofas, mãe de São Judas Tadeu, teve um papel especial sendo presença materna para o desenvolvimento e missão do Apóstolo São Judas Tadeu. Outra mãe que podemos lembrar é a Sra. Steffania, mãe do Padre Dehon, fundador da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus que é responsável pela missão, gestão administrativa e religiosa do Santuário São Judas Tadeu. Ela foi a grande responsável pela devoção especial que Padre Dehon desenvolveu pelo Sagrado Coração de Jesus. As mães são as grandes promotoras da vida espiritual no ambiente familiar,

por isso, destacar as várias mães que cumpriram com esmero essa missão especial é uma atitude de gratidão e de justiça.

Por fim, não podemos esquecer de Maria, que é a mãe de Jesus e depois dada por Ele para ser a nossa mãe. A gratidão e o reconhecimento é uma atitude de justiça que cada católico tem diante do sim de Maria. Maria é a nossa Mãe intercessora, que nos aproxima de Jesus, Ela é nosso modelo de disponibilidade total e fidelidade aos planos de Deus.

Ao assumir a missão de ser uma "Casa de Devoção" o Santuário São Judas Tadeu quer ser um espaço de fortalecimento da Fé Católica e, desta forma, queremos expressar nossa atenção especial para as expressões existentes de Nossa Senhora e de muitas santas.

O Santuário é um espaço especial para o exercício da piedade que articula a devoção mariana com o desafio apresentado através da Boa Nova para instaurar o Reino de Deus na vida da Igreja e do mundo. São muitas as mães que vem rezar por seus filhos pedindo a intercessão de São Judas Tadeu para alcançar Graças especiais e são muitos os testemunhos que destacam o resultado da Fé na devoção à São Judas Tadeu. A partilha e o testemunho das graças alcançadas por intercessão de São Judas Tadeu favorecem o aquecimento da Fé e a certeza de que não fomos deixados de lado no processo de redenção da humanidade.

Com a força especial que vem com a vinda do Espírito Santo somos interpelados no testemunho do nosso Padroeiro São Judas Tadeu que entregou sua vida a divulgação da mensagem da Boa Nova. Finalizo com um Feliz dia das Mães a todas as mães que frequentam o acompanham a vida do Santuário São Judas Tadeu. Fica aqui o registro do meu muito obrigado por sua contribuição financeira e espiritual.

Que por intercessão de São Judas Tadeu, apóstolo e mártir, sua vida seja abençoada em nome do Pai e do Filho + e do Espírito Santo.



Pe. Daniel Aparecido de Campos,scj

Reitor do Santuário São Judas Tadeu

SÃO JUDAS E VOCÊ



Neste mês de maio celebramos o Dia das Mães e perguntamos aos nossos devotos que nos seguem no Instagram “O que de mais de mais importante sua mãe te ensinou?”

Confira algumas respostas:

<p>Ter educação com mais velhos e não mexer nos pertences de ninguém, e cuidar de uma casa</p> <p>Responder ></p>	<p>Amar respeita</p> <p>Responder ></p>
<p>Coração acolhedor</p> <p>Responder ></p>	<p>A ser uma mulher temente a Deus, uma verdadeira serva do Senhor!</p> <p>Responder ></p>
<p>Amor e Paciência</p> <p>Responder ></p>	<p>Ser devoto de São Judas Tadeu!</p> <p>Responder ></p>
<p>Ser humilde e confiar em Deus</p> <p>Responder ></p>	<p>O valor da honestidade</p> <p>Responder ></p>

<p>Ter fé!!! Suas últimas palavras foram "aconteça o que acontecer...nunca percam a fé!</p> <p>Responder ></p>	<p>A fé</p> <p>Responder ></p>
<p>A devoção a São Judas Tadeu</p> <p>Responder ></p>	<p>A minha mãe Lindalva me ensinou que nós temos que respeitar as pessoas em casa e no trabalho!!!</p> <p>Responder ></p>
<p>Não ver ninguém com diferença. Todos somos irmãos e iguais</p> <p>Responder ></p>	<p>Nunca desistir das batalhas. A batalha é grande mas a vitória é certa</p> <p>Responder ></p>
<p>Honestidade</p> <p>Responder ></p>	<p>A ser resiliente, ser forte e a ter fé</p> <p>Responder ></p>



Colaboração de Lillian Cristina Magalhães

Siga-nos no nosso Instagram e fique ligado nas caixinhas de interações que abrimos. Sua mensagem pode aparecer na nossa revista.



Annete de Santis Martos Garcia

Annete, a senhora é teóloga, ainda é especialista em mariologia?

Eu tinha muita vontade de estudar Teologia, mas o tempo foi passando e depois dos meus cinquenta anos, fui fazer a faculdade de Teologia. Fiz os seis anos e depois a especialização em Mariologia, que é a minha paixão. Eu sempre tive essa paixão por Nossa Senhora, desde meninota, pois em casa nós éramos muito católicos, fervorosos. Por exemplo, em casa os meus avós, às seis horas rezavam o terço todos os dias e nós, vizinhos da casa deles íamos rezar juntos. Esse amor por Maria foi sendo passado pelas gerações, pela avó, pela mãe, pelas tias que diziam: olha, Nossa Senhora cuida de você. Então, a gente sabia que tinha o cuidado da mãe da terra, mas tinha alguém que cuidava da gente no céu.

Qual a importância de Maria para os discípulos? Jesus no sepulcro e Maria como a luz que fica para nós. O que dizer sobre esse cenário?

A Virgem Maria reúne até hoje os discípulos, não deixou que eles se dispersassem. E continuou com os ensinamentos de Jesus, com

oração, eles todos reunidos... Então é lógico, quem toma a frente numa situação como essa é como um farol. É o caminho. Maria foi isso, foi luz para os discípulos, os apóstolos e ela aí foi se identificando, foi mostrando o que esperava da vinda de Jesus.

No contexto da Paixão de Cristo, para nós que continuamos a Igreja de Cristo agora impulsionados pelo seu Espírito, qual a importância de Maria nessa caminhada?

Maria, em primeiro lugar, para nós, é mãe. Quando Jesus deu a sua mãe a João, deu-a a nós. E como ela é a mãe, tem toda importância na vida de um filho, porque é ela que orienta, que cuida. Então Maria vai à nossa frente.

A senhora acabou de dizer que aos pés da cruz, Jesus crucificado olha para Maria e João e entrega João a Maria, entregando também toda a humanidade. Que reflexão a senhora faz dessa cena tão bonita?

Quando Jesus viu que iria nos deixar, por um determinado tempo, ainda que pequeno, sentiu a necessidade de dar uma diretriz. E também sentiu a necessidade da mãe, lógi-



SÃO JUDAS ENTREVISTA

co. Porque, sendo perfeito, ele amava a mãe também. E senti a necessidade de deixar a mãe aos cuidados de alguém e ele a deixa com João, o discípulo amado. E João vai cuidar da mãe de Jesus até o fim da vida dela. Jesus deu sua mãe a João para que João mostrasse ao mundo quem era Maria. E como Maria é pra nós, mãe.

Jesus sofrendo, prestes a entregar a sua vida por amor a nós e ainda preocupado em nos oferecer sua mãe. Por isso ela é nossa intercessora?

Sim, porque sempre estive muito próxima de Jesus. É óbvio que, se eu sou muito sua amiga, eu vou lhe pedir uma coisa e você vai se esforçar para fazer. Assim da mesma forma Maria. O que Jesus pediu a ela, Maria continuou fazendo: cuidando de João em primeiro lugar e depois de todos os discípulos, dos apóstolos e de nós todos até hoje. Nossa Senhora continua cuidando de cada um de nós, da Igreja de seu Filho.

E a senhora tem alguma experiência marcante com Nossa Senhora?

Tudo o que eu realmente preciso, aquilo que eu sinto que deveria conseguir ou que eu deveria levar a alguém, peço sempre a ajuda de Nossa Senhora. Naturalmente, Maria me inspira. Ou pede para alguém me inspirar ou pede para alguém me dizer alguma coisa ou põe na minha mão uma lei-



tura. Algo que possa me dar resposta para a pessoa que precisa de orientação. Eu procuro sempre estar em contato: rezando e conversando com ela. Hoje, por exemplo, eu essa conversa com o senhor, padre Said, eu disse: a senhora vem comigo e vamos ver o que nós podemos partilhar juntas.

Maria é para nós uma luz que pode nos apontar o Cristo. Ele disse que é luz do mundo e quem andasse com ele não ficaria nas trevas. Quem mais próxima dele do que sua mãe?

Maria é esse farol, luz, é essa pessoa que procura levar Jesus a todos. Essa luz é que tomamos para nos guiar e chegar até Jesus, mais perto, melhor, mais iluminado. Eu acho bonita a comparação de Jesus como o sol e Maria como a lua. O sol é que tem luz própria e a lua tem luz por conta do quanto mais próximos de Deus ficarmos também seremos nós iluminados. Impossível nos aproximar dela e não sermos também iluminados por Deus. E a gente conta com a oração dela, seus cuidados. Maria é mãe como a nossa mamãe aqui da terra. Ela só não toma conta fisicamente, mas espiritualmente. Ela nos levanta do chão, nos carrega no seu colo. É bonito porque nos põe para descansar quando estamos muito atormentados com alguma coisa e vai nos mostrando as soluções, os caminhos.

Maria é quem mais nos lembra que Jesus está próximo da humanidade?

Sim, pois Maria é cuidadora, conselheira... Pela oração da Ladainha, você vai vendo todos os títulos que ela tem e constata que Maria é tudo isso. Porque ela é assim conosco. Acredito que deve ter coisas que ainda nem tivemos acesso ou conseguimos descobrir dela. Porque o que Nossa Senhora faz por nós nunca vamos saber enquanto estivermos vivos. Espero que um dia a conheçamos. E iremos agradecer mais do que já agradece.

Já conheceu algum Santuário Mariano fora do país?

Sim, em 1996 participei da primeira peregrinação do Santuário à Terra Santa e aos Santuários Marianos e conheci Fátima, Lourdes... E eu tenho vontade de ir ao México para conhecer Guadalupe. Durante a vida a gente vai tendo às vezes problemas e em casa foi ensinado a pedir a Deus e a Nossa Senhora. Então chamar Nossa Senhora é uma coisa tão normal... Quando você quase sofre um acidente de carro, a primeira coisa que vem à boca é: "Minha Nossa Senhora!" Por quê? Porque ela é a mãe que cuida, é o nosso socorro. Sempre se pede nas doenças, nas dificuldades, na educação de um filho, por sua ajuda e intercessão.

Maria é nossa mãe, mãe da igreja e nós também temos a Igreja como mãe. Que aspectos da nossa mãe Maria podemos encontrar também na mãe Igreja?

A mãe Igreja é feita de homens também. Ela tem a parte dela, que é a parte santa, parte de Deus, mas é feita de homens. Então, nós temos dentro da Igreja, muitos santos. E temos até hoje. Em muitas conversas dizemos: essa pessoa é santa, já está no céu



de tão boa e afável, de tão querida que essa pessoa é... A gente pensa assim. E se a igreja pode ser para você sinal desse amor de Deus, quanto mais Maria. Maria que está tão próxima de Jesus, é o sinal maior do amor de Deus. Porque ela foi escolhida de uma forma que não tem como explicar. Deus disse: essa pessoa vai ser consagrada, separada das demais. Então ela recebe o Espírito e um batismo diferente. Maria é santa desde que nasceu, tem todas as qualidades que nos fazem nos confiarmos a ela. Quando o Espírito Santo veio, em Pentecostes, Maria é quem estava rezando com os discípulos de Cristo. Maria aponta para nós a grande luz que é o seu Filho. Nós seguramos na mão dela e vamos caminhando com ela até chegar onde está Jesus. Ela reza por nós, pede por nós e cuida de nós.

Tem até uma canção que diz, peça a mãe que o filho atende. Isso nós não podemos esquecer?

Maria é para nós a intercessora que nos aponta o Cristo. É uma luz para nós, um farol que nos guia para aquilo que é mais importante, que é o nosso próprio Deus. Nas Bodas em Caná, Maria diz aos empregados: "Façam tudo o que ele disser". Essa é uma frase que nós devemos ter na cabeça. Quer dizer, nós vamos conseguir caminhar em direção a Cristo se nós fizermos tudo o que ele disse: tudo como ele recomendou e deixou nos Evangelhos. E quem fala isso a nós é Maria, sua mãe. Então é ela que diz: olha, faça isso! Por isso dizer que Maria nos leva Jesus é até natural. Porque a mãe mesmo nunca quer grandes vitórias para si, mas deseja que o seu filho cresça.

Entrevista concedida ao Pe. Said Mamud,scj na Central Semana Santa, Sábado Santo – 30 de março de 2024 – Tema: Maria, única luz acesa sobre a terra. Disponível integralmente no Youtube do Santuário São Judas Tadeu!



HOMENS E MULHERES DO CORAÇÃO, MAS SEM CORAÇÃO

Foto: b1.freepik.com

Há uma grande complexidade da experiência humana, que reside na dualidade do coração, isto é, um órgão não apenas vital à sobrevivência de cada pessoa, mas também é o epicentro das emoções, dos sentimentos, das decisões, como nos afirma Blaise Pascal: “O coração tem razões, que a própria razão desconhece”. Tanto os homens, bem como, as mulheres, por natureza, são seres de coração, ou seja, não há um ser humano que exista sem o coração como órgão, bem como o local das emoções, dos sentimentos e da razão. O ser humano é entrelaçado todos os dias de sua vida por sentimentos profundos e arguições acidentais, que, no cotidiano da vida, guiam suas ações e relações. No entanto, esta conexão emocional nem sempre é constante; às vezes, perde-se, levando a uma jornada interna de busca e reconexão.

O ser humano se perde e deixa de ser “do coração”, para pertencer a outra coisa, a outra situação.

Assim sendo, a essência de ser um ser humano, ou seja, um homem e uma mulher de coração, transcende as diferenças de gênero, de escolhas e de decisões. Portanto, homens e mulheres compartilham a experiência de amor, de compaixão, de alegria e de tristeza que emanam do coração. Consequentemente, é neste órgão emocional que encontramos a raiz de nossa humanidade, conectando-nos uns aos outros em um tecido intrincado de relacionamentos. Percebemos claramente isto, ao olharmos para a imagem do Sagrado Coração de Jesus, ou seja, um coração que transborda amor e misericórdia e não consegue ficar pulsando apenas dentro do peito, mas extrai-se para o exterior, se revelando, se

mostrando, como é, e com isto, nos ensina a realizar a mesma dinâmica, que é preciso nos transbordarmos de amor.

No entanto, na jornada emocional de nossa existência não ficamos isentos dos mais diversos desafios, às vezes que nos impomos pelas nossas escolhas e tantas outras vezes, pelos acidentes históricos das escolhas de outros que constroem a vida ao nosso redor. Assim, há momentos em que homens e mulheres perdem a conexão com seu coração, seja devido às pressões externas, aos desafios pessoais ou às inúmeras circunstâncias adversas. O estresse da vida moderna, as expectativas sociais e as complexidades das relações podem obscurecer a pureza dessa ligação emocional, levando a uma perda temporária do coração, isto é, se tornam homens e mulheres do coração, mas sem coração, sem a vida, sem o néctar necessário para saber compreender o que é o cuidado com o próximo, a fraternidade, a solidariedade. Agem como se não tivessem coração, apenas vivem da superficialidade, da crítica, do poder, da falta de diálogo, da egocentricidade, da conexão ao próximo apenas por privilégios, homens e mulheres do coração seco, vazio e sem sangue.

Neste sentido, a perda do coração pulsante e vivo, reflete-se em várias esferas da vida. Relacionamentos fraternos, conjugais, sociais e comunitários podem ser afetados, a empatia diminuída e as decisões tornam-se menos guiadas pela intuição emocional, mas somente traçadas pela busca do poder, da ganância sentimental e da arrogância de não se colocar no lugar do outro. São nestes momentos, que homens e mulheres, podem se sentir desconectados de

suas próprias emoções e das emoções dos outros, resultando em um impacto significativo na qualidade de vida, nas relações interpessoais e no arcabouço de sua vida espiritual.

Portanto, é crucial compreender essa dualidade como parte intrínseca da condição humana. Ao reconhecer que a perda do coração é uma realidade, que pode ser temporária, podemos cultivar uma abordagem mais compassiva em relação a nós mesmos e aos outros, ou seja, resgatar a atitude de compaixão, e não a lei pela lei. A acei-

tação dessa dualidade permite que exploremos as raízes de nossas emoções, compreendendo que a verdadeira essência de ser um ser de coração permanece intacta, mesmo nos momentos de desconexão emocional, mas que é preciso resgatar dentro de nossas atitudes de coração.

A busca pela reconexão com o coração é uma jornada pessoal e comunitária. A autenticidade e a aceitação desempenham papéis cruciais nesse processo. Ao abraçar nossa humanidade completa, com todas as suas nuances emocionais, podemos encontrar caminhos para restaurar a conexão perdida e fortalecer a essência de ser um ser humano de coração, enriquecendo assim as relações e a própria experiência de vida. Portanto, seja um homem e uma mulher de coração vivendo para outros tantos corações.

**“
A busca pela
reconexão com o coração
é uma jornada pessoal e
comunitária.”**



Padre Rarden Pedrosa,scj

Mestrando em Educação na PUC-SP. Pós-graduado em Ontologia, Gestão Educacional e Psicologia Educacional. Secretário da Associação Dehoniana Brasil Meridional – ADBM. Contatos: rardenscj@gmail.com / @rardenpedrosa



Santa Rita de Cássia

Na História da Igreja são raros os santos ou santas como Santa Rita de Cássia: esposas e mães se identificam com ela; viúvas a veem como modelo; religiosas procuram imitá-la; devotos da Paixão de Cristo olham-na como a uma mestra... Nós, homens, olhamos para ela e concluímos: quão pouco amamos a Deus!

Seu nascimento, em 1381, foi fruto de muitas orações de seus pais. Parecia que Deus não os escutava. Mas perseveraram na oração e na confiança em Deus e receberam, então, um belo presente: uma menina que recebeu o nome de Rita, isto é, “pérola” (Rita é diminutivo, em italiano, de “Margherita”). Essa “pérola” era, realmente única e especial.

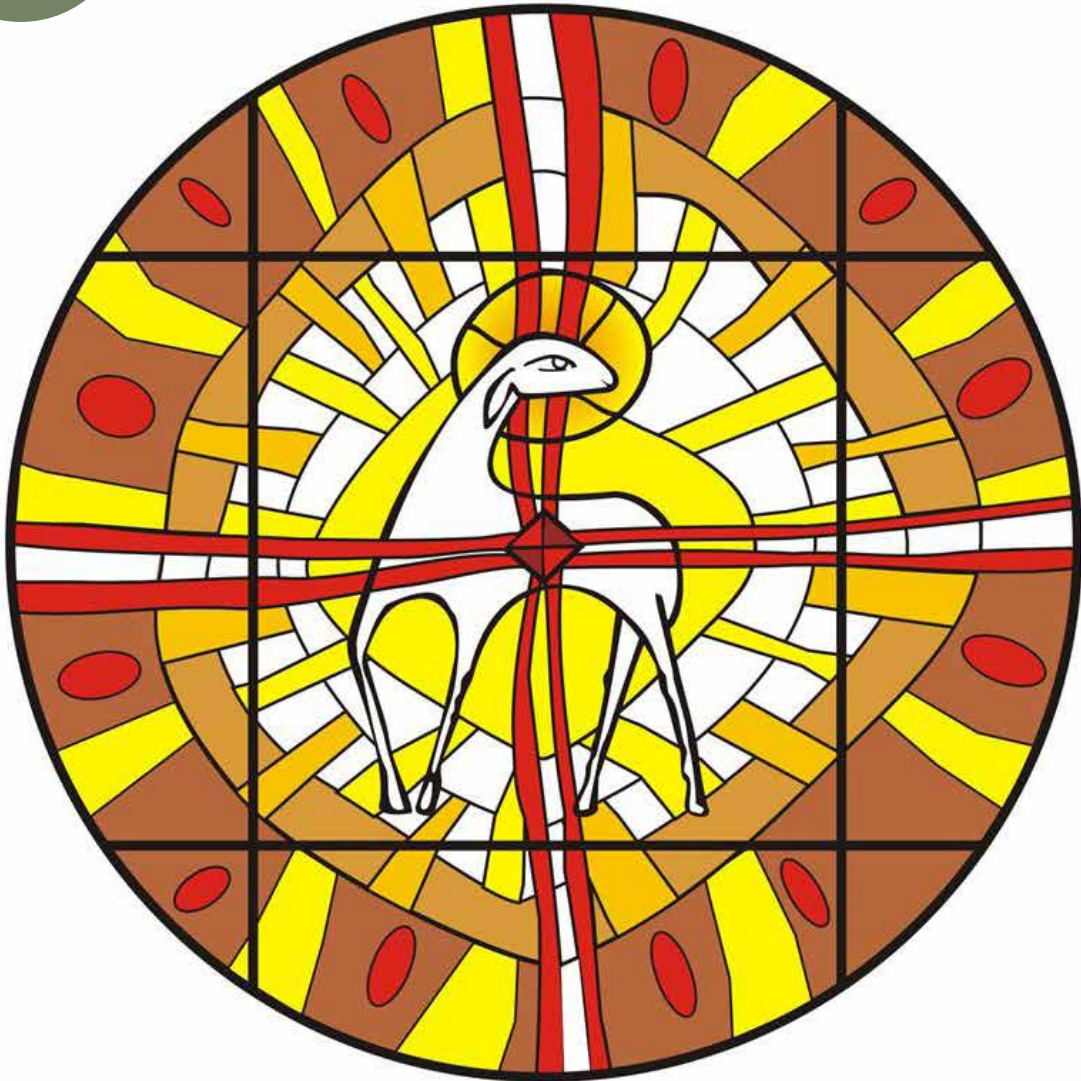
À medida que crescia, Rita demonstrava um amor particular por Jesus Crucificado. Era seu desejo viver unicamente para ele. Mas aceitou obedecer a seus pais, que queriam vê-la casada. Na vida matrimonial, de uma forma inesperada, viveu a Paixão de Jesus, pois seu marido era rude e colérico, causando-lhe contínuos sofrimentos. Rita respondia com amor à dureza de seu marido. Com o falecimento dele e dos filhos, ela decidiu realizar seus sonhos de juventude e entrar num Convento, para se dedicar totalmente a Jesus. No mosteiro de Cássia, tornou-se uma religiosa exemplar, destacando-se por seu amor a Jesus Crucificado.

Em 1457, aos 76 anos, Rita de Cássia entregou sua alma a Deus. Que alegria ela deve ter tido ao contemplar as chagas de Jesus no céu, fonte de dores para ele aqui na terra e sinal de vitória para ele no céu.

No seu dia – 22 de maio – peçamos-lhe: Santa Rita de Cássia, rogai por nós! Intercedei junto a Jesus para que o amemos como a senhora o amou!



Dom Murilo S.R. Krieger, scj
Arcebispo Emérito de São Salvador-BA



AS NÚPCIAS DO CORDEIRO E O MÊS DE MAIO

“Como és bela, minha amada, como és bela! És toda bela, minha amada, e não tens um só defeito! Roubaste meu coração, minha irmã, noiva minha, roubaste meu coração com um só dos teus olhares, uma volta dos teus colares. Que belos são teus amores, minha irmã, noiva minha, teus amores são melhores que o vinho, mais fino que os outros aromas é o odor dos teus perfumes. Teus lábios são favo escorrendo, ó noiva minha, tens leite e mel sob a língua.” (Ct 4, 1.7.10s)

Maio desponta com a celebração das mulheres: noivas, mães, trabalhadoras, escolhidas e eleitas! Mulheres artesanais, tecidas na demora, no tempo do amor! Prontas a iniciar a marcha que as conduzirá às núpcias: noivas! Entregues à missão de gerar um mundo novo: mães! **“Está vestida de força e dignidade”** (Pr 31, 25): trabalhadoras! **“Isto é o meu corpo, que é para vós”** (1Cor 11,24): escolhidas e eleitas!

A celebração tem início com a exaltação de sua beleza; como és bela! És perfeita! A beleza para os olhos de quem ama é incomparável, nada se assemelha, não há parâmetros; somente encantamento! Um encantamento tal que se deixa entregue. Após o inebriamento primeiro, o furto é ato benigno: roubaste meu coração! Não é um furto violento, é um enamoramento constante, nos gestos, nas palavras, no sorriso, no olhar... a tal ponto de querer ser família, fraterno, amigo, íntimo.

Cantar a beleza da mulher é comum, o que não é tão comum é cantar a beleza da mulher cristã. Esta também se ocupa com moda, mas da moda do Reino. Ela reveste-se de Cristo! Sua vestimenta discreta realça sua feminilidade e, até mesmo, alguns nuances de sua sensualidade, mas na justa medida dos valores perenes. **“Veste-se de linho e púrpura.”**(Pr 31,22) Veste-se com linho puro, resplandecente, pois o linho representa a sua conduta santa, suas obras de caridade (cf Ap 19,8). Seus sapatos a conduzem pelo caminho do Senhor, tortuosos às vezes, mas percorridos com elegância e simplicidade. Suas joias apresentam o brilho e o esplendor de sua prática da justiça. Sua bolsa carrega a experiência do desfile da vida recheado de desencontros e decepções, mas ainda assim é sustentada na leveza e na graciosidade.

A mulher cristã também é vaidosa, porém sabe equilibrar desejos e necessidades. Gosta dos cabelos sedosos e lindos, mas se preocupa, antes, que eles sirvam para enxugar os pés banhados de lágrimas do Cristo que vive no irmão. Cuida das mãos para que estejam sempre macias, mas para que também possam estar sempre prontas

aos gestos de carinho. **“Estende a mão ao pobre e ajuda o indigente”** (Pr 31, 20). **“Teus lábios são fita vermelha, tua fala melodiosa”** (Ct 4, 3). **“Abre a boca com sabedoria, e sua língua ensina com bondade”** (Pr 31,26). Seus olhos, firmes e ao mesmo tempo inocentes, revelam, paulatinamente, o olhar de cada tempo: o olhar da doçura, da maternidade, o olhar bravo, o olhar da educação... Enfim, a linguagem do olhar. Seus seios se alimentam de amor, cuidado e atenção. Seu cheiro é suave, perfume de mulher, noiva, mãe, amiga, filha... Seu corpo todo é Templo do Espírito Santo!

O Senhor desposará essa mulher! Ela é o símbolo da comunidade cristã, a Igreja. Tem por exemplo Maria, que é a mulher da **denúncia** (**“Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes!”** Lc 1,52), a mulher do serviço, a mulher da fortaleza, a mãe que educou o

homem mais doce que o mundo já viu; a mãe do Filho de Deus! Ela é a mulher intercessora, do silêncio, da contemplação e, sobretudo, a mulher da oração. É a escolhida, a eleita, a serva do Amor que também se entregou: **“Faça-se em mim segundo a tua vontade!”** (Lc 1, 38)

Jesus já pagou um dote de valor altíssimo por sua esposa. **“Amou e se entregou por ela!”** (cf Ef 5, 25) **“Aleluia! Porque o Senhor, o Deus Todo Poderoso passou a reinar! Alegrem-nos e exultemos, demos glória a Deus, porque estão para realizar-se as núpcias do Cordeiro, e sua esposa já está pronta!”** (Ap 19,6s). Seu vestido de noiva é seu amor que fará de seu amado, o rei. O rei é o Cordeiro que simboliza a inocência, a mansidão, mas também é a força do vencedor que não faz vítimas, somente vitoriosos. A marcha nupcial já está sendo tocada e, do cortejo da vida até o altar das oferendas, o abraço da cruz se faz necessário. Até que o amado possa beijar sua amada, e compartilharem do mesmo sopro, e serem apenas um! **“Felizes aqueles que foram convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro”** (Ap 19, 9), Jesus já transformou seis talhas de água em vinho, e vinho novo, símbolo do amor, do inebriamento, da alegria da doação, da entrega espontânea dos esposos. E convida: **“Comei e bebei, companheiros, embriagai-vos, meus caros amigos!”** (Ct 5, 1c)

“ Maio desponta com a celebração das mulheres: noivas, mães, trabalhadoras, escolhidas e eleitas!”



Cristiana Paiva

Psicanalista Clínica e Professora de Teologia



Foto: br.freepik.com

DÚVIDAS FREQUENTES SOBRE O EXAME DE MAMOGRAFIA

No mês em que celebramos o “Dia das Mães”, queremos reforçar a importância da prevenção e detecção precoce do câncer de mama, uma das principais causas de morte entre as mulheres. Segundo o Ministério da Saúde, esse é o tipo que mais acomete a classe em todo o mundo, tanto em países em desenvolvimento quanto em países desenvolvidos. No Brasil, foram estimados mais de 73 mil casos novos de câncer de mama apenas em 2023. Nesse contexto, a realização do exame é essencial para identificar possíveis alterações nas mamas. A Dra. Maria Eugenia Romanutti, médica de Estratégia da Saúde da Família do AMA/UBS Parque Novo Santo Amaro, gerenciada pelo CEJAM - Centro de Estudos e Pesquisas “Dr. João Amorim” em parceria com a Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo, esclarece as principais dúvidas sobre o tema. Confira:

1- O que é a mamografia?

R: A mamografia é um exame de Raio-X do tecido mamário, realizado por meio de um aparelho chamado mamógrafo. É um procedimento não invasivo, no qual as mamas são posicionadas entre duas placas, sendo que uma delas aplica pressão no órgão para obter uma espessura mais uniforme. Embora a etapa de aplicação de pressão seja temida por muitas mulheres, com receio de dor ou desconforto, ela é crucial para permitir a detecção de lesões suspeitas que poderiam estar “escondidas” no tecido mamário.

2- A mamografia é direcionada apenas para quem já demonstra sintomas de câncer de mama?

R: A mamografia pode sim ser considera-

da um exame diagnóstico, quando solicitada devido à suspeita de alguma lesão ou alteração, que foi identificada durante o exame físico. Mas pode ser empregada como um exame de rastreamento, no qual mulheres assintomáticas e sem alterações no exame físico, realizam para detectar possíveis lesões suspeitas de câncer de mama. É importante lembrar, existe uma idade recomendada para a realização do procedimento.

3- Qual a sua periodicidade?

R: Para fins de rastreamento, o Ministério da Saúde sugere que, em mulheres sem fatores de risco, o exame seja realizado a cada dois anos, dentro da faixa etária recomendada, que é de 50 a 69 anos.

4- Então mulheres só podem realizar o exame a partir dos 50 anos?

R: Essa é a recomendação, no entanto, há algumas exceções que se aplicam a pacientes que já apresentaram alguma alteração em mamografia prévia. Nesses casos, a periodicidade também pode diminuir, variando para exames semestrais ou anuais, dependendo de cada situação. Outra exceção abrange o grupo de mulheres consideradas de alto risco para câncer de mama. Esse grupo inclui mulheres com histórico familiar em parentes de primeiro grau, com mutação nos genes BRCA 1 ou BRCA 2 comprovados, ou portadoras de síndromes que aumentam o risco desse tipo de câncer, como Li-Fraumeni e Cowden. Nesses casos, a mamografia pode ser recomendada a partir dos 35 anos.

5- E mulheres mais jovens, com menos de 35 e 50 anos, como podem se cuidar nesse sentido?

R: Como mulheres mais jovens tendem a ter a mama mais densa, ou seja, com mais tecido glandular do que tecido de gordura, isso acaba dificultando a visualização de lesões pela mamografia. Nesses casos, é preferível a realização de outro método para avaliação do tecido mamário, como a ultrassonografia.

6- Qual é a diferença entre a mamografia e a ultrassonografia da mama?

R: A mamografia é um exame que captura uma imagem da mama por meio de radiação (Raio-X), enquanto a ultrassonografia utiliza um transdutor para emitir e receber ondas sonoras, refletidas pelos órgãos ou tecidos avaliados. Geralmente, a ultrassonografia é usada como complemento à mamografia para rastreamento, exceto em casos como pacientes menores de 35 anos, como mencionado anteriormente.

A ultrassonografia mamária não é indicada para o rastreamento do câncer de mama e não substitui a mamografia. No entanto, é um método eficaz para avaliar outras condições da mama, como distinguir entre cisto e nódulo sólido, examinar doenças inflamatórias da mama, realizar avaliações durante a gestação e puerpério e investigar implantes mamários, entre outras aplicações.

7- No geral, como a paciente deve se preparar para realizar a mamografia?

R: Não há um preparo específico para o exame, apenas é solicitado que não se utilize produtos como cremes, desodorante ou talco nas mamas e axilas, pois esses podem deixar resíduos na pele que comprometem a qualidade do exame. Lembrando que o procedimento é contraindicado em gestantes devido à exposição à radiação.

8- Quem tem silicone também pode fazer a mamografia?

R: Sim! As mulheres que têm prótese de silicone podem fazer o exame, mas, claro, é essencial avisar seu médico. Mesmo que a ultrassonografia seja um exame adequado para avaliar a integridade da prótese, se há rupturas ou degenerações, por exemplo, ela não substitui a mamografia para rastreamento de câncer de mama. Ou seja, essas pacientes também devem realizar mamografia, caso estejam na faixa etária para rastreio.

9- Como a mulher pode realizar esse tipo de exame de forma gratuita?

A paciente que deseja ser atendida pela rede pública deve procurar a UBS de referência da sua região para realizar o cadastro, que pode ser feito com o Agente Comunitário de Saúde, se o território contar com Equipe de Estratégia Saúde da Família. A partir desse momento, essa paciente cria um vínculo com aquela unidade, e já tem direito a ser atendida pelos profissionais e usufruir dos benefícios da atenção primária à saúde, que visa a promoção e proteção à saúde e prevenção de agravos.

As Unidades Básicas de Saúde que não contam com Programa de Saúde da Família também têm o mesmo acompanhamento, com diferencial no cadastro, que deverá ser realizado pelo usuário na própria UBS de referência.

10- Existe algum programa específico para cuidar de mulheres nesse sentido via SUS?

R: Sim! Nas unidades gerenciadas pelo CEJAM, por exemplo, há a Linha de Cuidado da Saúde da Mulher, em que é proporcionada assistência integral a todas as pacientes. Nesse caso, o processo inicia-se com a solicitação de exames, seguido de consultas com enfermagem, onde as pacientes contam com escuta qualificada e, se necessário, realizam o exame de mamografia. Caso alguma alteração seja identificada, a paciente é encaminhada para consulta médica, que avalia a necessidade de exames complementares ou encaminhamento a especialidades como mastologia ou oncomastologia. Em situações de exames altamente sugestivos de câncer, a solicitação da biópsia já pode ser realizada pelo médico da Estratégia Saúde da Família na unidade de atendimento, agilizando, assim, o processo de diagnóstico. Mesmo quando encaminhadas para serviços secundários, as pacientes continuam sendo acompanhadas pela equipe da Linha de Cuidado. Esse acompanhamento mensal pelos profissionais visa garantir que a paciente esteja aderindo ao acompanhamento e tratamento proposto pelo clínico ou especialista.

Para saber mais sobre o CEJAM, acesse nas redes sociais (@cejamoficial) e acompanhe os conteúdos divulgados no [cejam.org.br/noticias]site da instituição.



SANTUÁRIO EM FOCO



PINTURA DA IGREJA NOVA

“Santuário sempre em construção” é uma iniciativa que pretende revitalizar o espaço sagrado da Paróquia e Santuário São Judas Tadeu com vários melhoramentos, de reformas e obras de manutenção.

Várias pessoas entram em contato com a administração do Santuário oferecendo ajuda para locais específicos de consertos gerais, troca de Lâmpadas ou algo que quebra, pois sentem-se comprometidas com essa Casa de

Deus, por sentirem-se parte dessa Família de Devotos e paroquianos. Querem colaborar! São benditas essas atitudes espontâneas de zelo e amor por essa Casa de Devoção, que é o Santuário São Judas Tadeu. Ofertas de amor muito bem vindas, mas é preciso que hajam projetos, planejamento, enfim, organização. Independentemente do custo desses consertos, são muitas as necessidades de melhorias e aos poucos elas estão sendo realizadas.

Atualmente está sendo providenciada a nova pintura nas paredes da igreja nova, interna e externamente. No mês de março, colaboradores da manutenção do Santuário trabalharam nos reboques e restauro das paredes, preparando tudo para a nova pintura. Para que esses e novos projetos de obras sejam executados rapidamente, a colaboração dos fiéis devotos e paroquianos é fundamental.

Para fazer uma doação em uma de nossas contas detalhadas abaixo ou via PIX:



Bradesco
Agência 2818-5
Conta Corrente 000028-0



Caixa Econômica Federal
Operação 003
Agência 3103
Conta Corrente 00800054-1



Santander
Agência 3706
Conta Corrente 130051750

CHAVE PIX CNPJ 63.089.825/0115-02 Paróquia Santuário São Judas Tadeu

Envie o comprovante via e-mail santuاريو@saojudas.org.br ou WhatsApp (11) 9 9204 8222, especificando que é referente a: Santuário Sempre em Construção.

COLABORE COM ESSA CASA DE DEVOÇÃO!

Você poderá contribuir para que a Paróquia e Santuário São Judas Tadeu torne-se ainda mais acolhedora para você e seus irmãos na fé, em Jesus Cristo. Colabore com as obras do projeto “Santuário sempre em construção,” espontaneamente, depositando qualquer valor para: PARÓQUIA SÃO JUDAS TADEU - CNPJ 63.089.825/0115-02.

- BRADESCO, AGÊNCIA 2818-5, CONTA CORRENTE 000028-0.
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, OPERAÇÃO 003, AGÊNCIA 0255. CONTA CORRENTE 00000239-0.
- SANTANDER, AGÊNCIA 3706, CONTA CORRENTE 130051750.

Após a sua doação, envie uma foto do comprovante para santuاريو@saojudas.org.br ou **Whatsapp (11) 9 9204 8222, especificando a campanha “Santuário sempre em construção”.**

Na Secretaria Paroquial, há envelopes nomeados “Santuário sempre em construção” para que sejam depositadas as doações espontâneas. As doações de qualquer valor, para a Paróquia Santuário São Judas Tadeu, também podem ser feitas pela CHAVE PIX: CNPJ 63.089.825/0115-02. Para participar da Família dos Devotos de São Judas Tadeu, entre em contato: Whatsapp (11) 9 9204 8222.



FAMÍLIA DOS DEVOTOS



Peregrinos de bicicleta

Muito bom dia ... 🙏

Tivemos um Domingo maravilhoso, onde, desde o Amanhecer, tivemos o privilégio de reunir nossos irmãos para rezar e exercitar o corpo e a mente e a fé.

Fomos agraciados em ser recebidos de forma encantadora e muito especial, pela equipe de acolhida, a Valéria que nos recepcionou de maneira graciosa, e para nossa surpresa, reservaram um lugar para assistirmos a Santa missa confortavelmente.

Em nome de toda equipe da bike chateleur da Paróquia São José, agradeço ao Santuário São Judas Tadeu, ao Padre Daniel, por sua linda homília, sua equipe de acolhida encantadora, qual nos serviu de exemplo de como recepcionar os visitantes e a todos que estão envolvidos com o Santuário, um lugar especial, pois tem pessoas que cuidam para renovar nossa fé ...

Temos muito a agradecer, mas faltam palavras para descrever a experiência de nossa visita ao Santuário... OBRIGADO.

1003

No dia 17 de março, domingo, a Paróquia e Santuário São Judas Tadeu recebeu um grupo de peregrinos que vieram de bicicleta participar da missa às 8h30, celebrada na igreja nova. O objetivo desse grupo é evangelizar através do esporte! Após o evento, o Santuário recebeu esse lindo feedback:

AJUDE-NOS A EVANGELIZAR!

Família dos Devotos de São Judas Tadeu Doações online: www.saojudas.org.br

Depósito bancário: Banco Bradesco:

Ag 2818-5, c/c 0028-0. CNPJ 63.089.825/0115-02.



Foto: br.freepik.com

O PECADO DA PREGUIÇA

Todos nós já ouvimos dizer que a preguiça é um dos sete pecados capitais. No século V, o Papa Gregório Magno definiu como sendo sete os principais vícios de conduta. No século XIII, a lista se tornou “oficial” na Igreja Católica com a Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino.

Santo Tomás ensina que, o termo “capital” deriva do latim caput: cabeça, líder ou fonte, o que quer dizer que os sete vícios capitais são aqueles que dão origem à várias outras faltas graves. O vício capital compromete muitos aspectos da conduta, é uma restrição à autêntica liberdade e um condicionamento para agir mal.

A doutrina dos pecados capitais é fruto, como diz o Catecismo da Igreja Católica (n. 1866), da “experiência cristã”: “Os vícios podem classificar-se segundo as virtudes a que se opõem ou relacionando-os com os pecados capitais que a experiência cristã distinguiu, na sequência de São João Cassiano e São Gregório Magno. Chamam-se capitais, porque são geradores de outros pecados e vícios. São eles: a soberba, a avareza, a inveja, a ira, a luxúria, a gula e a preguiça ou negligência (acídia)”. Aqui o interesse consiste somente em tratar do pecado da “preguiça” ou “acídia”.

Mas o que é “preguiça” ou “acídia”?

A preguiça foi se destacando como pecado capital, sobretudo na sociedade capitalista e consumista como fruto da revolução industrial, da urbanização e da corrida do tempo. “Quem nunca sentiu preguiça atire a primeira pedra”. Sentimos “preguiça” pela manhã, ao despertar, depois do almoço, na hora de estudar, trabalhar etc. Com certeza todos nós já sentimos uma vontade de não fazer nada, o desejo de dormir ou à indolência. É desse “tipo” de “preguiça” que o Catecismo fala, como pecado capital?

Segundo o filósofo Pieper, “o fato de que a preguiça esteja entre os pecados capitais parece que é, por assim dizer, uma confirmação e sanção religiosa da ordem capitalista de trabalho. Ora, essa concepção é não só uma banalização e esvaziamento do conceito primário teológico-moral da acídia, mas até mesmo sua verdadeira inversão”. Compreendemos “preguiça metafísica” ou “tristeza do mundo”.

Seguindo o ensinamento de Santo Tomás sobre a acídia na Summa Theológica, II-II, q. 35, e em De Malo, q. 11. Santo Tomás parte da definição de São João Damasceno: “é certa tristeza que causa pesar”. Isso significa que a acídia é uma tristeza que deprime o ânimo do homem de modo

que nada lhe agrada, “assim como se tornam frias as coisas pela ação corrosiva do ácido”. “Acídia” vem, portanto, de “ácido”². **A tristeza pelo bem espiritual; a acidez, a queimadura interior do homem que recusa os bens do espírito. E a tristeza não só é já em si mesma um mal, mas fonte de outros males.** Para Santo Tomás, a acídia é o tédio ou tristeza em relação aos bens interiores e aos bens espirituais, como diz Agostinho a propósito do Salmo (104, 18): “Para a sua alma, todo alimento é repugnante”. Como vemos, para Santo Tomás, essa preguiça significa muito mais do que a falta de vontade de um agir ativo.

Segundo Lauand, alguns dos “sintomas” da acídia podem também surgir em casos de mera doença ou alguma situação ocasional, sem alcance moral³. Essa questão adquire imensa complexidade: a tristeza pode (ou não) ser pecado, doença, estado de ânimo, atitude existencial ou combinações desses fatores. No entanto, quando Santo Tomás fala da acídia, de suas “filhas” e manifestações, está tratando da dimensão que mais lhe interessa como teólogo: a da tristeza moralmente culpável. Tomás de Aquino observa que o homem triste não pensa em coisas grandes e belas, mas só em coisas tristes, a menos que por um grande esforço; por isto, a acídia se opõe à esperança e à fortaleza. Existe uma boa tristeza pelos pecados, essa é a contrição; e uma má tristeza diante do bem espiritual: essa é a acídia.

A acídia, como pecado capital, pode levar a uma inação. Se a tristeza da acídia pode levar à inação, leva também a uma inquietude. Em sua dimensão que produz inação, a acídia caracteriza-se pela veemência da tristeza, que imobiliza o homem, retardando a ação, daí que S. João Damasceno afirma ser uma tristeza agravante, pesada, isto é, “paralisadora”. Para comprová-lo, Tomás cita 2Cor. 2, 7: “De maneira que pelo contrário deveis antes perdoar-lhe e consolá-lo, para que o tal não seja de modo algum devorado de demasiada tristeza”.

A preguiça metafísica

De acordo com Santo Tomás, essa preguiça metafísica é muito mais do que a falta de vontade de um agir ativo, se identifica com aquela tristeza do mundo que, nas palavras de São Paulo, “produz a morte” (2Cor 7,10). Como questiona o cardeal Ratzinger, de que se trataria, porém, essa mis-

teriosa tristeza do mundo? Para ele, a raiz mais profunda dessa tristeza está na falta de uma grande esperança e na inatingibilidade do grande amor. Torna-se, pois, cada vez mais concreta a verdade de que a tristeza do mundo produz morte. O desespero fruto da acídia pode levar à falta de confiança em Deus, como afirma Ratzinger: “A preguiça metafísica se identificaria, portanto, àquela pseudo-humildade tão frequente nos dias de hoje: o homem não deseja acreditar que Deus se preocupa com ele, que o conhece e ama, que pausa nele seu olhar e lhe é próximo. Essa preguiça metafísica pode conviver com uma grande atividade na “ausência de Deus”. Sua essência é a fuga de Deus, o desejo de estar a sós consigo e com a própria finitude, sem ser importunado pela proximidade divina”⁵; podendo levar à acídia e ao desespero.

Os desesperados desejam no lugar do dom, da esperança, a justa recompensa e a segurança. Querem, com um duro rigorismo de exercícios religiosos, com orações e ações, garantir o próprio direito à recompensa. Falta-lhes a humildade para receber os dons que vão além de nossos méritos e realizações. Com a tristeza se torna paralisado

pela vertigem e pelo medo. Preferimos nossas tristezas à alegria da esperança. A alegria divina nos eleva e preferimos permanecer nas nossas preocupações, tristezas e desesperos. A tristeza leva-nos a ver as coisas na obscuridade do nosso individualismo e medos, e não à luz da Esperança divina. Por isso, um autor cristão do século II escrevia: “Desapega-te de ti mesmo, renuncia à tristeza, porque a tristeza é a mãe da dúvida e do erro”.

Para vencer a acídia, portanto, é necessário resistir, pensar nos bens espirituais e, assim, eles se tornam mais prazerosos. E é isso o que se procura fazer na oração. Não há outro caminho a não ser o de uma oração fiel, perseverante e humilde, que procura considerar os bens divinos. Para Pieper, “Somente a coragem de reencontrar e aceitar a dimensão divina de nosso ser pode restabelecer em nosso espírito e nossa sociedade uma estabilidade nova e íntima”.

O medo deve ser banido mediante aquilo que está ao meu alcance: minha confiança, ação e obras. A vida cristã não pode banir do homem todo e qualquer tipo de medo, pois estaria aí em contradição com o que somos. A formação cristã tem o de-

ver de purificar o medo, reconduzi-lo para a direção certa e integrá-lo na esperança para que seja propulsor e proteção. A negação da esperança tem por fundamento a incapacidade de suportar a tensão ante o que há de vir e de se entregar à bondade de Deus (...). É preciso criar no homem a “coragem de existir”, de aceitar e orientar o seu destino, no sentido do bem e de maneira responsável. É a plena realização humana da esperança que prefigura e prepara o advento da Esperança divina. “Uma Igreja sem coragem de apresentar, inclusive publicamente, o valor de sua visão do homem não seria mais sal da terra, luz do mundo, cidade situada sobre a montanha”.⁹

A esperança emerge, antes de tudo, como o dinamismo da vida. Ela é vivida antes de ser conhecida e é conhecida de maneira concreta, antes de ser pensada de maneira abstrata. Nutrir e reforçar a esperança é, antes de mais nada, oferecer bases e condições concretas de viver. Tal é o primeiro princípio que vemos em ação na pedagogia bíblica, quando vemos o Deus da promessa educar o seu Povo na esperança.

Tudo vai ficar bem!

A esperança brota das profundezas da terra, da vida, do ser humano e cresce para as alturas da Vida plena e eterna. A primeira forma de presença da esperança é ir aprendendo como “dar certo” na vida, e como dar sentido aos inevitáveis fracassos, dentro do processo de tentativas e erros. A esperança é uma certeza prática, “tudo vai ficar bem”, uma força que ajuda a viver, a superar as crises e a enfrentar os desafios.

A confiança, desse modo, dá sustento à esperança. A esperança é vista como realizável pela confiança. Confiança e esperança se completam e se supõem. É verdade que, no horizonte da esperança, há incertezas e temores, mas é verdade também que, no horizonte da esperança, há o ousar, a aventura, o lançar-se confiante no coração de Deus. O esperançoso é alguém que confia, que deseja e crê no real ainda não presente, mas que, na fé, é perfeitamente possível. A experiência psicossocial demonstra que o fato de ter uma esperança comum cria unidade entre os que

“sonham o mesmo sonho”, e essa unidade reforça, por sua vez, a esperança. Renovar sempre mais as forças da esperança é imprescindível para a superação das atitudes desesperadas e de inativismo.

A esperança é assim: o movimento e a atitude de mobilização afetiva em vista de superar as dificuldades, de tender efetivamente pela ação, à conquista do bem. Pela força da esperança, esse objetivo se torna presente e ativo na vontade; que o busca com tanto mais firmeza quanto mais difícil se mostra.

A Esperança que vem de Deus não aceita o “correr em vão” (1Cor 9, 26). Vai tendendo à felicidade divina e à felicidade humana. Agarra-se à certeza da presença Divina, presente pela força da graça, na existência de cada um e na história da humanidade. Esperar é comemorar.

Necessitamos da junção do “princípio de realidade” e da “confiança”, como que incondicional, na promessa, purificando assim a Esperança, vivendo-a na sua radicalidade cristã. É preciso justificar a esperança que há em nós (1Pd 3,15) e que não decepciona (Rm 5,5).

“A esperança é a última que morre”: é um provérbio orientador, fixado na consciência coletiva do povo. Esperar, para o cristão, nunca foi um acomodar-se. A esperança cristã possui um caráter de confiança em Deus que inclui um desejo e uma tendência em direção ao futuro. Cremos no amor de Deus por nós, que se manifesta na obra de salvação, por meio de Jesus Cristo no Espírito; e, por isso, acreditamos e esperamos.



Pe. Mário Marcelo Coelho,scj

Doutor em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana de Roma, mestre em Teologia Prática (Centro Universitário Assunção, São Paulo/SP), mestre em Zootecnia (Universidade Federal de Lavras-MG), professor de Teologia e Bioética da Faculdade Dehoniana de Taubaté/SP. Membro da diretoria da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM); Presbítero dehoniano



RECOMENDAMOS



BÍBLIA DE SÃO JUDAS TADEU

“Bem-aventurados os que ouvem a Palavra de Deus, a observam e põem em prática” (Lc11,28). Acrescentemos, ainda, o que Paulo apóstolo diz na 2ª Carta a Timóteo: “Toda Escritura é inspirada por Deus, útil para ensinar, repreender, corrigir e formar na justiça. Por ela, o homem de Deus se torna perfeito, capacitado para toda boa obra” (2Tm 3,14-16). E São Jerônimo: “Ignorar as escrituras é ignorar a Jesus Cristo!”

A Bíblia de São Judas Tadeu é a que você, devoto de São Judas Tadeu, precisa ter em casa e partilhar com quem se ama. Ela tem um encarte especial com a história deste Santuário como Casa de Devoção, além da biografia e oração a São Judas Tadeu e fotos exclusivas!

Mais informações pelo tel (11) 2275-0724.

WhatsApp: (11) 99338-0713.

E-mail: contato@lojasaojudastadeu.com.

Site: www.lojasaojudastadeu.com



SÃO JUDAS TADEU ESCOLHIDO POR CRISTO COMO APÓSTOLO DA PARTILHA

“Eles perseveravam na doutrina dos apóstolos, na vida em comunidade, na fração do pão e nas orações” (At 2,42)

Como viviam os primeiros cristãos? E o que podemos aprender deles para que a nossa vida seja cada vez mais cristã?

Nos *Atos dos Apóstolos*, encontramos as primeiras descrições da vida da Igreja que nasceu a partir do dom do Espírito Santo em Pentecostes. Nos chamados “sumários”, passagens que resumidamente descrevem algumas experiências das primeiras comunidades dos cristãos, lemos que: “Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na vida

em comunidade, na partilha do pão e nas orações” (At 2,42); e também que “a multidão dos fieis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas coisas que possuía, mas tudo era posto em comum. Entre eles ninguém passava necessidade” (At 4,32).

Essas duas passagens nos convidam a refletir sobre uma dimensão essencial da vida cristã, a chamada *koinonía*, uma palavra grega que pode ser traduzida como “comunhão, comunidade, partilha”. Os primeiros cristãos – e

que bonito será poder dizer: todos os cristãos” – vivem segundo a *koinonía*: animados pelo dom do Espírito Santo, eles se relacionam através de uma forma radical de união, de comunhão, de partilha da própria vida e dos próprios bens. Já a comunidade que andava com Jesus vivia essa forma de sinergia de vida e dos recursos de que dispunha, tanto que havia até uma espécie de caixa comum (cf. Jo 12,6; 13,29). A imagem da *videira e dos ramos* que o Evangelho de João nos oferece (cf. Jo 15, 1-17) pode nos ajudar a compreender o verdadeiro sentido da *koinonía*: viver a *koinonía* cristã é estar unido à videira que é o próprio Cristo e partilhar, com todos os ramos, daquilo que o agricultor, os raios de sol, a frescura da água e a riqueza do solo nos dão para podermos continuar unidos à vida.

Hoje, quando pensamos em partilha, por vezes a entendemos como o gesto de colocar à disposição dos outros aquilo que temos e de que não precisamos de forma urgente, ou também como a divisão daquilo que se ganha em conjunto, como, por exemplo, a partilha de lucros, de uma herança. Mas essa forma de repartição de bens, de coisas, é apenas uma pequena dimensão da partilha cristã, da *koinonía*. Em primeiro lugar, porque partilhar não é apenas colocar à disposição de alguém um quinhão daquilo que eu não mais preciso, mas significa colocar a si mesmo em jogo! Partilhar significa habitar, morar no outro e com o outro em Cristo! Significa deixar que o Espírito Santo, que habita em nós, faça de todos um só coração e uma só alma para alcançarmos, juntos, a vida plena, a salvação em Cristo, pois, como nos recordou o Papa Francisco, “ninguém se salva sozinho, só é possível salvar-nos juntos” (*Fratelli tutti*, n. 32). Juntos! Como é preciso voltar a usar essa palavra, cultivar a *koinonía*!

E o que fazer? A radicalidade das primeiras comunidades cristãs parece nos deixar desconcertados, num beco sem saída. E agora?! Vender tudo? Quem vai organizar

o caixa comum, etc.? Também nos “sumários” dos Atos dos Apóstolos encontramos a resposta: cada comunidade, em cada lugar, se organizava de uma forma diferente (cf. At 4-5). A radicalidade não está simplesmente em abrir mão de tudo o que se tem, mas no *seguimento radical de Cristo*, que nos faz todos irmãos e irmãs, filhos e filhas do mesmo Pai, para que ninguém passe necessidade. A radicalidade não consiste meramente na mudança dos meus títulos de propriedade e da minha conta bancária, mas, sim, na *mudança do meu agir! Sou capaz de me ver vivendo unido à mesma*

Árvore da Vida, que é Cristo, e compartilhando dos recursos que tenho com todos os demais ramos que também precisam do adequado apoio e sustento? A radicalidade está não numa ação única, isolada, mas, sim, em cultivar a perseverança,

fundamento da partilha. Já o texto de At 2,42 nos fala dessa dimensão: “eles eram perseverantes”. Sem a perseverança, que nos leva a superar um momento singular, não há verdadeira partilha, não se constrói a comunhão, não nasce a comunidade, não há *koinonía*. É a perseverança que nos faz ganhar a vida (cf. Lc 21,19), a salvação (cf. Mt 10,22; 24,13; Mc 13,13).

Que São Judas Tadeu, apóstolo da partilha, interceda por nós, para que aprendamos a virtude da perseverança que nos leva a superar os confins do “meu” e do “teu” e nos ensina a viver unidos à videira verdadeira, que é Cristo, e solidários com os nossos irmãos e irmãs que também se encontram unidos a Ele, fonte da vida.

“Partilhar significa habitar, morar no outro e com o outro em Cristo!”



Pe. Dilson Daldoce Jr.

é padre da Arquidiocese de Freiburg - Alemanha.



Maio é mês de Maria

Queridos devotinhos de São Judas

Chegamos ao mês de maio, mês dedicado a Maria, mãe de Jesus, nossa mãe e mãe da Igreja. Em algumas vezes que Maria se expressou, ela quis que fossem crianças que transmitissem a sua mensagem.

Vocês devotinhos, tem um lugar especial no coração de Maria.

Maio também é o mês dedicado às mães.

Inspirados em São Judas Tadeu, que está rezando um terço com seu amigo, convide sua mãe a rezar um terço com você.

Salve Maria!



Cristiane Adorno

É Coordenadora da Pastoral Catequética da Paróquia/
Santuário São Judas Tadeu



MARIA CLEOFAS: *mãe de* **JUDAS TADEU**

São Judas Tadeu, nasceu em Caná da Galiléia, Palestina, filho de Alfeu (ou Cleofas) e Maria Cleofas. Seu pai, Alfeu, era irmão de São José e sua mãe prima-irmã de Maria Santíssima. Portanto, São Judas Tadeu era primo-irmão de Jesus, tanto pela parte do pai como da mãe. Alfeu (Cleofas) era um dos discípulos a quem Jesus apareceu no caminho de Emaús, no dia da sua ressurreição. Maria Cleofas, era uma das piedosas mulheres que tinham seguido a Jesus desde a Galiléia e que permaneceram ao pé da cruz, no Calvário, junto com sua mãe, Maria Santíssima.

São Judas Tadeu tinha quatro irmãos: Tiago, José, Simão e Maria Salomé. Um deles, Tiago, também foi chamado por Jesus para ser apóstolo. O relacionamento da família de São Judas Tadeu com o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo que se consegue perceber nas Sagradas Escrituras é o seguinte: dos irmãos dele, Tiago foi um dos doze apóstolos e tornou-se o primeiro bispo de Jerusalém. De José, sabe-se que era conhecido como o Justo. Simão, outro irmão de São Judas Tadeu, foi o segundo bispo de Jerusalém, sucessor de São Tiago.

Maria Salomé, sua única irmã, era mãe dos apóstolos São Tiago Maior e São João Evangelista. Ele era chamado de Tiago Menor para diferenciar de outro apóstolo, São Tiago, que, por ser mais velho, era chamado de Maior.



É de se supor que houve muita convivência de São Judas Tadeu com seu primo Jesus e seus tios, Maria e José. Foi certamente essa fraterna convivência, além do parentesco muito próximo, que levou São Marcos (Mc 6,3) a citar São Judas Tadeu e seus irmãos como sendo os “irmãos” de Jesus.

Maria Cleofas por ter permanecido ao pé da cruz e presenciado a morte de Cristo no Calvário, foi uma forte testemunha de sua Paixão, e mais para a frente, da sua Ressurreição. Provavelmente transmitiu tudo o que viu com detalhes a Judas Tadeu, seu filho, que por sua vez comunicou em suas pregações, na missão de evangelizar, até dar a sua vida em martírio. Que o Reino de Deus seja anunciado por nós, com fervor, a exemplo do que realizaram São Judas Tadeu e sua mãe, Maria Cleofas!



Uma devoção QUE É HERANÇA DA MÃE

A celebração do mês das mães nos faz reconhecer a importância da mãe na educação de um filho ou filha em muitos aspectos, dentre os quais também na dimensão religiosa. Certamente muitos de nós podemos identificar na nossa própria experiência a influência da figura materna na formação da nossa fé: com nossas mães, ou com aquelas que exerceram um papel de mãe em nossas vidas, aprendemos as primeiras orações, as devoções, as tradições religiosas, os valores...

O mesmo se deu com Padre Leão Dehon (1843-1925), sacerdote francês fundador da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, também conhecidos como Dehonianos. Padre Dehon muitas vezes menciona nas suas *Memórias*, cadernos em que registra os fatos da sua história, a importância da sua mãe, Adele Estefânia Vandelet (1812-1883), na sua educação cristã. Já nas primeiras páginas das *Memórias*, Padre Dehon afirma a predominância da mãe nas recordações mais

remotas da sua infância: com ela passava a maior parte do tempo em casa, com ela adquiriu o gosto pela piedade e pelas coisas religiosas, com ela aprendeu a rezar de manhã e à noite... (cf. *Memórias*, vol. 1, n. 11-12). Era a mãe Estefânia quem levava o pequeno Dehon quase diariamente à igreja de La Capelle, cidade onde viviam (cf. *Memórias*, vol. 1, n. 13); e quando aos 10 anos Leão Dehon se preparava para a primeira comunhão, era Estefânia aquela que completava a sua catequese em casa, que dava ao filho piedosos conselhos e que nutria nele um profundo amor pela eucaristia (cf. *Memórias*, vol. 1, n. 16).

Com certeza a maior influência que Estefânia exerceu na vida cristã do filho foi a devoção ao Sagrado Coração de Jesus: quando era ainda menino, Leão Dehon recebeu da mãe o *Manual do Sagrado Coração*, um pequeno livro de orações que foi para ele, como escreve nas *Memórias*, um verdadeiro guia de ascética e de devoção (cf. *Memórias*, vol. 1, n. 49). Mas de onde vinha essa devoção transmitida ao filho? Quando menina, Estefânia estudou num internato dirigido pelas Irmãs Filhas da Providência, que depois se uniram à Sociedade do Sagrado Coração, fundada por Santa Madalena Sofia Barat, e foi ali que ela recebeu a devoção ao Coração de Jesus. Com sua mãe, Leão Dehon aprendeu as práticas devocionais que depois o acompanharam por toda a vida. Obviamente, com os anos, Padre Dehon foi amadurecendo essa devoção: quando adolescente, entrou na confraria do Coração de Jesus; mais tarde, quando já era padre, conheceu as Irmãs Servas do Coração de Jesus e com elas aprofundou a devoção iniciada por Santa Margarida Maria Alacoque; por fim, Padre Dehon fundou uma congregação de sacerdotes dedicada ao Coração de Jesus e publicou muitos livros, desenvolvendo toda uma espiritualidade do Sagrado Coração centrada no amor



Estefania Vandelet mãe de Dehon

oblativo de Jesus e na reparação.

Assim, podemos dizer que a devoção ao Coração de Jesus propagada pelo Padre Dehon e pela congregação que ele fundou é herança da sua mãe Estefânia. E que bonito pensar que toda a beleza e profundidade da espiritualidade dehoniana do Coração de Jesus, que hoje alimenta a vida espiritual de tantas pessoas pelo mundo, nasceu do zelo de uma mãe que soube exercer uma influência positiva na formação religiosa do seu filho! Que seja um exemplo para as mães e os pais do nosso tempo!



**Pe. Víctor de Oliveira
Barbosa SCJ**

coordenador do Centro de Estudos Dehonianos
(Roma - Itália)



A PARTILHA, SINAL DE AMOR E FRATERNIDADE

“Se você partilha, Deus multiplica”
(Papa Francisco)

O nosso mundo, caro leitor, é uma obra divina. Deus ao criar os seres humanos e toda realidade existente, sabiamente, dispôs tudo para a humanidade para que cada um desfrutasse e provesse as suas carências e necessidades fundamentais (cf. CIC 2402) . “E assim se fez” (Gn 1, 28-31)¹.

Porém, o que percebemos e que não é na-

tural é a desigualdade social. É notório que, aos recursos deste mundo, nem todos têm acesso. Evidentemente que a distribuição é desigual, em todos os sentidos, por causa da “cabeça dura” do ser humano que não deixou despertar em seu coração o sentido de partilha. Se fosse diferente não olharíamos o mundo como um lugar injusto.

Porém, Deus mostra o caminho ao partilhar a sua vida íntima de comunhão trinitária perfeita com a humanidade ao enviar o Filho, o Verbo Divino, para formar a consciência de partilha entre nós.

Nada mais pedagógico para criar uma consciência da partilha do que compreender a dinâmica da “multiplicação dos pães”, narrada nos quatro Evangelhos. Mas, vamos concentrar no Evangelho de João, que nos relata um rico e profundo sinal, cujo conteúdo será de grande valia para a nossa compreensão sobre a partilha (Jo 6, 1-15).

É curiosa a cena daquele descampado próximo ao lago da Galileia. Jesus não ficou alheio à grande multidão que a ele acorria. Percebeu a necessidade deles e quis amenizar aquela miséria. No entanto, como saciar tanta gente? A solução, porém, não veio dos apóstolos que, nas palavras de Filipe, eles não têm tanto dinheiro para comprar o necessário. De outro lado, André, aparentemente vê uma alternativa. Ele aponta um menino com apenas cinco pães de cevada e dois peixinhos. “Mas que é isso para tantas pessoas?”, disse ele (Jo 6, 9). Ora, essas palavras soam como uma justificativa para despedir o povo e não se responsabilizar por eles. No entanto, Jesus demonstra aquilo que os corações fechados não percebem: a graça de Deus na partilha que alcança a todos, sem distinção, numa grande mesa de comunhão. Na grande mesa de comunhão todos são chamados – e tem para todos – pois é o próprio Cristo que toma a iniciativa de alimentar e saciar a fome. Esta passagem bíblica nos desafia para o despertar sobre a partilha.

Outra cena paradigmática de partilha vem do Cenáculo, onde Jesus quis ardentemente comer a Páscoa com os seus (cf. Lc 22, 14-16). Ali Ele se ofereceu como alimento. Dos gestos e palavras que se ouviu de Cristo, surge o mandato à Igreja: celebrar in

memoria, a fim de que aquela mesa pascal, onde Jesus esteve presente, seja atualizada em todas as celebrações em comunidade “até que se cumpra no Reino de Deus” (Lc 22, 16).

Percebam a profundidade da dimensão comensal partilhada: estar à mesa é o lugar teológico do encontro, de compartilhar a vida; é o lugar comum, de igualdade.

Quando Jesus diz: “tomai isto e reparti entre vós” (Lc 22, 17); e depois Paulo acrescenta: “isto é o meu corpo, que é para vós (1Cor 11, 24), os textos sagrados querem transmitir a perspectiva inclusiva do banquete eucarístico de Jesus: “Tomai todos, e comei [...]; Tomai todos e bebei” (cf. Oração Eu-

carística II). Portanto, o altar é o lugar da partilha – do singelo pão a ser distribuído, Deus faz maravilhas – e a Igreja é chamada a expressar a partilha que vem da mesa eucarística.

Caro leitor, ao fazer a experiência da partilha do banquete eucarístico em comunidade, é preciso tornar isso a chave hermenêutica para uma fraterna vida cristã autêntica. A relação que Cristo demonstrou ao partilhar a sua vida com as pessoas precisa ser vivenciada, a partir do altar, e levada para o cotidiano, pois o amor se expressa por ações de partilha. Quando desponta no coração a dimensão da partilha, se compreender melhor que o pouco que tem pode ser muito para quem precisa e, ao mesmo tempo, o pouco que “você partilha, Deus multiplica”.

Louvado seja o Senhor!

¹ Catecismo da Igreja Católica, parágrafo 2402.

“***Estar à mesa é o lugar teológico do encontro, de compartilhar a vida; é o lugar comum, de igualdade***”



Sami N. Abraão

Teólogo e agente de pastoral da Paróquia/Santuário São Judas Tadeu







"Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor." (Lc 1,48)

**MÃE DO PURO AMOR,
ROGAI POR TODAS AS MÃES!**